

# Construções gramaticais e metáfora

Neusa Salim Miranda

Recebido 28, fev. 2009/ Aprovado 1, abr. 2009

## Resumo

*O presente estudo tem como agenda teórica central a afirmação do papel da metáfora na constituição de padrões construcionais gramaticais de uma língua. A argumentação teórica apresentada, tendo como eixo o paradigma construcionista (Modelos de Uso da Gramática das Construções - GOLDBERG 1995, 2006; CROFT & CRUSE, 2004; LANGACKER, 1999, 2007; SALOMÃO, 2007), busca respaldo em um estudo de caso sobre as Construções Negativas Superlativas de IPNs (CNS) do Português.*

**Palavras-chave:** *Gramática das construções. Metáfora. Construções do Português. Semântica da intensidade.*

## 1. Introdução

1. ( ) *Nem que eu tenha que fritar um elefante pra provar que estou certo* (<http://blog.hiro.art.br/2008/02/07/nem-que-eu-tenha-que-fritar-um-elefante-pra-provar-que-estou-certo/>)
2. *E por que ele está tão apressadinho agora? Enquanto foi deputado, nunca moveu um dedo pra coisa nenhuma, a não ser pra apontá-lo pro nariz dos adversários. Não é por nada não, mas essa notícia está distorcida* <http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2008/02/se-pudesse-faria-mudana-por-decreto-diz.html>
3. *Graças a Deus não vai ter mais que aturar as amigas falando de casamento o tempo todo. C. Vergonha. As garotas devem morrer de pena de você e do seu dedinho nu* (Revista Nova).

Qualquer falante de nossa língua saberá nos dizer, por certo, quando é que lança mão de construções como as acima elencadas. Sem dúvida, os falantes do Português valem-se delas quando, movidos pela necessidade de expressão de seu ponto de vista, buscam afirmar ou negar algo de modo enfático, hiperbólico. Esses falantes também sabem, por certo, que o tema de sua conversa não são *elefantes*, *dedos* ou *morte*. Muitos deles seriam mesmo capazes de nos dizer que estão “falando metaforicamente”. É certo que teriam outras opções para expressar tal natureza de polaridade. Assim, em vez de *Nunca moveu um dedo*, poderiam dizer, por exemplo, *Não fez nada.* / *Não fez coisa alguma.* Mas os falantes sabem também que tais escolhas não teriam real equivalência no plano de seu desejo de autoexpressão. E as línguas, para os falantes, só têm saberes e sabores quando servem aos seus interesses enunciativos.

Pena que o jogo semântico-pragmático acima anunciado, tão familiar às práticas linguísticas, tenha sido mantido distante do escopo teórico-analítico da Linguística por tanto tempo. Nesse viés, as línguas, despidas de seus sujeitos, com sua história e cultura, foram (e ainda têm sido), ao longo de uma longa era, meras formas de evidência de uma pretensa capacidade operacional formal da mente humana. Definida por cálculos previsíveis e transparentes, tal capacidade passa à margem dos significados que os sujeitos reais constroem quando se engajam em qualquer ação discursiva no mundo. Assim, fora da cena enunciativa, a Linguística fez sua glória na Era da Forma<sup>1</sup> (FAUCONNIER e TURNER, 2002), delineando, como objeto de sua pretensão teórico-analítica, a competência de um falante-ouvinte ideal que domina todas as regras de um sistema “regular”, mas que *não sabe uma linha* sobre o efetivo jogo da linguagem repleto das ditas “idiosincrasias”. Esse é, de fato, o “falante-ouvinte inocente” que Fillmore (1976), ironicamente, define como aquele que, como o

<sup>1</sup> Os autores nomeiam desta forma o século XX em que a ciência obteve grandes avanços em termos de um aparato lógico sobre a forma, estabelecendo profundas dicotomias entre natureza/cultura, razão/emoção, forma/significação. Em contraposição, anunciam a Era da Imaginação através de novos paradigmas que rompem com a visão racionalista, mentalista da cognição e da linguagem.

personagem idiota de uma piada, não é capaz de construir as inferências plausíveis, desejáveis diante das cenas. É aquele que pode *não valer um fiapo de molambo sujo*, mas que, somando as partes que integram o todo enunciado, não sabe o peso dessa avaliação em sua vida.

Partindo de uma persuasão científica diferente, o presente estudo compreende a tarefa dos linguistas de modo distinto. Cabe-nos, sem dúvida, descobrir a razão de **todas** as escolhas do falante - como **todas** as construções (e não apenas as mais esquemáticas ou genéricas) emergem nas línguas, qual a sua origem, a sua natureza multidimensional. Da periferia ao centro ou vice-versa, as construções linguísticas, do morfema ao discurso, envolvem um complexo e dinâmico processo de integração conceptual e formal, cuja previsibilidade e transparência são marcadamente relativas. E nesse processo, a metáfora, como veremos neste artigo, tem presença largamente assegurada.

Tal definição programática, de viés sociocognitivo e construcionista (TOMASELLO, 1999, 2003; GOLDBERG 1995, 2006; FILLMORE, 1982, 1988a, 2007; CROFT & CRUSE, 2004; CROFT, 2007; BRINTON & TRAUGOTT, 2005; TRAUGOTT, 2007; LANGACKER, 1999, 2007; SALOMÃO, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, dentre outros) traduz, de pronto, a primeira e decisiva escolha teórica do presente estudo, qual seja, a de que no confronto entre as teses cognitivas da universalidade e da diversidade, **salvam-se as duas**, com as devidas restrições (cf. seção 2), mas o foco na gramática das línguas particulares (Português, Francês, Espanhol...) ganha relevo. Embora a tese da universalidade tenha ocupado a cena linguística de modo hegemônico no século passado, a diversidade é, de fato, o grande espetáculo da linguagem humana. O fato mais surpreendente na linguagem é que, diferentemente das demais espécies animais que podem efetivamente comunicar-se com **todos** os seus co-específicos, os homens só podem se comunicar em comunidades linguísticas específicas (TOMASELLO, 2003, p.1). Para o autor, a natureza perspectiva dos símbolos linguísticos e o uso discursivo dessa capacidade fornece a matéria-prima a partir da qual os falantes de todas as culturas **constroem** as representações cognitivas flexíveis e multiperspectivizadas que dão à cognição humana um poder único e impressionante.

*Desta forma, fica fora de nosso marco teórico a visão da gramática de uma língua particular como um “epifenômeno” de uma capacidade intrínseca, estática, de pouco interesse além de prover evidências empíricas sobre as nossas capacidades genéricas universais* (BRINTON & TRAUGOTT, 2005, p.2). Na perspectiva assumida, a linguagem é prática social e **a gramática de uma língua é uma rede de símbolos erguida na cultura.**

É, pois, na perspectiva construcionista anunciada que nos propomos argumentar em favor do papel da metáfora na configuração das redes de construções que instituem a gramá-

tica de uma língua. Duas questões teóricas centrais orientam esse percurso argumentativo – o conceito de construção e o de metáfora.

Em termos da metáfora, nossa escolha recai sobre os pressupostos sociocognitivos da Linguística Cognitiva em que tal projeção figurativa é vista como um amplo processo cognitivo que permeia nosso pensamento, linguagem e ação. Trata-se da Teoria Conceptual da Metáfora (LAKOFF & JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987), hoje revisitada e ampliada pela Teoria Integrada da Metáfora Primária que, nos termos de LAKOFF & JOHNSON (1999), envolve a contribuição de quatro teorias: a Teoria da Conflação (Jonhson), a Teoria da Metáfora Primária (Grady), a Teoria Neural da Metáfora (Narayanan) e a Teoria da Mesclagem/Blending (Fauconnier e Turner). A Teoria Integrada tem o mérito de aprofundar a compreensão acerca de nossa experiência pré-conceptual e da elaboração conceptual em termos de metáforas primárias e complexas. Para além do eixo de tal discussão, ganha igual relevo na literatura contemporânea sobre a metáfora a questão da contribuição da cultura (KOVESSES, 2006; BARCELONA, 2003) que constitui-se, em algumas vertentes, como uma perspectiva altamente enriquecedora das teorias cognitivas.

Dados os limites de espaço deste artigo, optamos por pressupor o conceito de metáfora como dado, uma vez que as discussões acima enunciadas ocupam um sólido espaço de discussão na Linguística brasileira, e por abrir um espaço para apresentar os Modelos de Uso da Gramática das Construções que sustentam nossa perspectiva teórica e analítica. Endossam nosso percurso na próxima seção, como evidências empíricas, alguns estudos de caso que vimos desenvolvendo acerca das construções superlativas do Português, além de outros estudos realizados dentro do projeto sociocognitivo do GP Gramática e Cognição<sup>2</sup>. Na seção 3, nos detemos em uma construção especial - A Construção Superlativa Negativa de IPN.

## 2. A Gramática das construções

Uma ideia simples e consensual forja o coração da Gramática das Construções (doravante GrC): o conhecimento linguístico do falante é uma coleção sistemática de pares de forma-função, isto é, de construções aprendidas com base na língua que ouve ao seu redor. Uma ideia simples (e, até certo ponto, bem tradicional!), posta, ao modo saussuriano, em termos dos dois polos do **signo** linguístico. Assim, por definição, a construção articula (i) o polo da forma como dimensão expressiva do significante (expressão fônica, escrita e outras semioses, como o gesto, e dimensão morfossintática); e (ii) o polo da significação ou função, que agrega a dimensão semântica e pragmática. Um **elo simbólico** (CROFT e CRUSE, 2004) promove a correspondência entre os polos for-

<sup>2</sup> Trata-se do Projeto As Construções Superlativas no Português do Brasil (MIRANDA, 2008 - GP Gramática e Cognição - CNPq, sediado na UFJF) que tem como produto três dissertações de mestrado do PPG Linguística - UFJF, SAMPAIO (2006), CARVALHO MIRANDA (2008) e ALBERGARIA (2008).

mais e semânticos dentro da estrutura das construções. Nesse enquadre teórico, construções, sejam elas mais esquemáticas ou mais substantivas, são, pois, **unidades simbólicas**.

Nessa direção, a GrC impõe uma visão holística das unidades linguísticas e estabelece uma conseqüente e necessária ruptura com uma lógica **estritamente** composicional dos processos de significação. Não se trata de negar o caráter composicional das construções, mas de relativizá-lo, afirmando a hipótese fraca da composicionalidade. Tal hipótese implica dizer que o significado de construções mais específicas não se conforma ao significado previsto em regras de interpretação semântica de construções regulares, genéricas, demandando regras semânticas mais específicas (GOLDBERG, 2006). Nesses termos, as idiosincrasias distribuem-se por todos os níveis de toda rede construcional de uma língua, não estando, portanto, restritas ao nível do léxico, como postula a hipótese forte da composicionalidade dentro dos paradigmas formalistas<sup>3</sup>.

Evidências em favor dessa perspectiva são muitas e se distribuem do centro à periferia da gramática e do léxico. Exemplo disso são construções mórficas resultantes de [x-ista], como *pianista* e *marxista* (CARMO, 2005) ou de [X-eiro], como *lixeiro*, *cinzeiro* (BOTELHO, 2004) que, organizando-se como redes polissêmicas e como categorias radiais, traduzem funções semântico-pragmáticas distintas e bem mais complexas do que a soma das partes que as integram. É assim também que a construção sintática do tipo *fazer comida*, *comprar comida*, *fazer almoço*, *cortar cabelo* se convencionaliza como uma construção que expressa, para além de uma simples leitura sintagmática de ação verbal transitiva, uma *ação rotineira* (FERREIRA, 2005). Nos termos de Salomão (2007, p. 7), *a construção não é matéria de pura combinação sintagmática; ou seja, não é pura forma. Na condição de signo, ela impõe um recorte específico à integração conceptual a que procede.*

Tal empreendimento construcionista tem recebido um contingente cada vez mais significativo de adesões e as conseqüências dessas adesões representam uma verdadeira avalanche de mudanças teóricas e metodológicas nem sempre convergentes. Assim, ainda que não nos caiba, no espaço deste estudo, entrar nesse território de controvérsias, vale situá-lo através das principais tendências que configuram a visada construcionista.

A idéia de uma Gramática das Construções emerge no final da década de oitenta (SALOMÃO, 2003:67), a partir de trabalhos, como os de Lakoff (1987) que reconhece as redes polissêmicas construcionais motivadas por projeções figurativas; de Fillmore (1982, 1988) e Fillmore, Kay e O'Connor (1988) que, ao longo da década de 80, desenvolvem estudos sobre idiomas sintáticos; e de Goldberg (1995) que, configurando, de modo mais acabado, a teoria da Gramática das Construções, elege como tema as construções de estrutura argumental. No trato dessas construções, a autora postula um modelo radial (LAKOFF, 1987), confi-

<sup>3</sup> Para os distintos modelos da Gramática Gerativa, mesmo em suas versões mais contemporâneas, o Léxico-território dos sem-lei - é o componente exclusivo da arbitrariedade, da idiosincrasia.

gurador das construções de uma língua em redes, formalizando também uma tipologia de herança. Os modelos da Gramática das Construções, postos por Goldberg (1995, 2006), Langacker (1999, 2007), Croft e Cruse (2004), Croft (2007), trazem para a teoria a dimensão nuclear do uso real, passando a lidar com *corpora* naturais e dimensionando, de modo mais efetivo, **o papel do uso na arquitetura cognitiva do léxico e da gramática**.

Goldberg (2006, p.213-215) nos oferece um panorama contemporâneo dessas adesões, tomando as diferenças/semelhanças que as configuram e apresentando-as em termos dos quatro modelos seguintes: Gramática das Construções Unificada (FILLMORE, KAY, O'CONNOR); Gramática Cognitiva (LANGACKER); Gramática das Construções Radical (CROFT) e Gramática das Construções Cognitiva (LAKOFF, GOLDBERG). A autora considera a relativa unidade teórica das três últimas, agrupando-as como Modelos Baseados no Uso (que passamos a nomear como Modelos de Uso) em relativa dissonância (noção de herança, relevo do uso, dispositivos de formalização) com a Gramática das Construções Unificada.

Assim, é a partir dos Modelos de Uso que, prioritariamente, configuramos nosso olhar sobre o empreendimento construcionista da linguagem. É uma questão de relevo - nesse enquadre, a realidade fundamental da linguagem é a enunciação de uma pessoa para outra em ocasiões particulares de **uso**. E é justamente a consideração do uso como constitutivo da arquitetura cognitiva do léxico e da gramática que vai marcar a dissidência definitiva e irreversível entre o cognitivismo de tradição chomskiana e o sociocognitivismo reivindicado pela Linguística Cognitiva. Para Goldberg (2006, p.22), *as gramáticas não geram sentenças, são os falantes que o fazem*.

Nesses termos, a competência linguística da criança e do adulto se define como o domínio de um inventário estruturado de unidades simbólicas. Quando os falantes, em situação comunicativa similar, fazem uso reiterado de um mesmo símbolo linguístico, o que emerge, com o tempo, é um padrão de uso, armazenado na mente como um tipo de categoria ou construção linguística. Não há, pois, entidades linguísticas, no léxico ou na gramática, que não sejam simbólicas; todas têm significado comunicativo porque derivam diretamente do uso linguístico.

Nos termos de Salomão (2007, p.4):

(...) incorporando as informações do uso, a gramática resultante terá um perfil inequivocamente **maximalista**, outra vez em completa contradição com a tradição ainda hegemônica. **Maximalista** em duas direções: primeiro, com relação à natureza do que seja **conhecimento linguístico**, condição que determina, inclusive, uma radical mudança no entendimento do que constitua a **aquisição deste conhecimento**. Segundo, porque, regressando às raízes semióticas da linguística (...), a gramática se apresenta como uma **rede de signos**; não só formas: **signos** investidos de uma "dimensão" dual, para homenagear Saussure outra vez (SALOMÃO, 2007, p.4).

Nesse enquadre a emergência da gramática é vista, portanto, como um acontecimento histórico-cultural que não envolve qualquer evento genético adicional. A tese da dimensão situada e distribuída da cognição humana, sem abrir mão da investigação sobre a natureza similar ou mesmo universal dos processos cognitivos que dimensionam a integração entre forma e significação, abre caminho para a investigação dos padrões de uso genéricos e específicos que emergem e se consolidam em cada língua, quando os falantes fazem suas escolhas simbólicas para se comunicarem. Enfim, o objeto passa a ser o uso da linguagem em sua relação com as gramáticas das línguas específicas.

O desafio heurístico posto pela GrC consiste, portanto, em desvelar os processos de significação, tratando **todas as** unidades linguísticas, em todos os níveis, como signos, ou seja, como construções integradas de forma e modos de significação semântico-pragmática. Nessa direção, gramática ou léxico recebem tratamento indistinto e Semântica e Pragmática definem-se em um contínuo.

Uma questão tem considerável relevo para o empreendimento construcionista. Postulada a tese de que a gramática de uma língua é uma rede de construções, de que as construções de uma língua não são listas aleatórias, a GrC tem uma tarefa, qual seja a de definir o tipo de relação que dá conta dessa rede. Como resposta a tal questão, os modelos em geral anunciam o princípio da herança e da motivação, sem partilharem, contudo, muitos consensos em torno da questão. O conceito de herança que elegemos reporta ao trabalho de Goldberg que se define como uma herança *by default*. Tal tipo de herança refere-se à *instanciação de construções cujos valores são deixados inespecificados, quando da descrição das construções genéricas* (SALOMÃO, 2007, p.18). São redes que se organizam radialmente, como famílias de construções, em torno de uma construção central, básica, da qual a herança se irradia. Tal modelo de herança tem inspiração lakoffiana (1987) e espelha claramente os postulados da Linguística Cognitiva acerca dos processos de conceptualização e categorização em que os conceitos de prototipia e de categoria radial ocupam papel central.

Nesses termos, Goldberg (1995) define quatro tipos de herança:

- i. Herança por polissemia, quando uma construção é uma extensão semântica da construção-mãe.
- ii. Herança por subparte, quando uma construção é uma subparte da construção-mãe.
- iii. Herança por instanciação, quando a construção herdeira é um caso da construção-mãe.
- iv. Herança por metáfora, quando a construção herdeira é uma extensão metafórica da construção-mãe.

Nesse enquadre, a natureza das relações de herança é posta pelos Modelos de Uso em termos da emergência da gramática a partir de padrões de **frequência** de uso (GOLDBERG, 2006; CROFT, 2007; CROFT & CRUSE, 2004; BYBEE & HOPPER, 2001). Trata-se, portanto, de reconhecer a sensibilidade dos padrões construcionais da gramática e do léxico à frequência de ocorrência/*token* e à frequência de tipos/*types*. Desse modo, correlaciona-se o primeiro tipo de frequência com o processo de **convencionalização** da construção, enquanto o segundo é vinculado a padrões criativos, isto é, à **produtividade** da construção. Tais parâmetros norteadores do processo analítico dentro da GrC têm o mérito de trazer à cena, de modo vigoroso, a questão da diversidade linguística e de promover uma virada metodológica no seio da Linguística Cognitiva. Assim, os projetos analíticos de viés construcionista passam a operar com *corpora* naturais e, neste sentido, uma parceria com a Linguística de Corpus ganha espaço.

Enfeixando tais premissas, a Gramática das Construções é uma teoria da gramática que se constitui no seio da Linguística Cognitiva e, como tal, agrega ainda outros fundamentos socio-cognitivos impostos à abordagem do léxico e da gramática por esse modelo a que se filia (LAKOFF, JOHNSON, FAUCONNIER, TURNER, SWEETSER, CROFT, FILLMORE, GOLDBERG, BARCELONA, SOLOMÃO, dentre outros) A persuasão sociocognitiva de que estamos falando enfeixa as seguintes premissas nucleares: i. centralidade da experiência na arquitetura de nossos sistemas conceptuais; ii. existência de estruturas pré-conceituais da experiência (esquemas imagéticos e categorias de nível básico); iii. existência de domínios complexos de conhecimento (*frames*) e de redes de integração entre domínios; iv. centralidade das projeções metafóricas e metonímicas (LAKOFF & JOHNSON, 1999). É com esse aparato teórico que a **dimensão conceptual** das construções é abordada, com mais ou menos ênfase pelos distintos modelos, no sentido de recobrir sua motivação e as bases de configuração de seu significado.

É, pois, nesse enquadre que a **metáfora** ganha relevo como construto fundamental no desvelamento da rede de construções - periféricas ou centrais - que instituem a gramática de uma língua. Consideremos o exemplo de uma construção cristalizada, como o provérbio *Quem corre cansa*. Trata-se de uma instanciación de uma construção sintática mais genérica, a Construção Condicional Universal (*Quem estuda passa no vestibular/ Quem tem emprego hoje levanta as mãos pro céu...*). O provérbio *Quem corre cansa*, que conceptualiza uma experiência cotidiana, tem o Esquema Imagético do Trajeto e a metáfora complexa 'Vida é Percurso' (JOHNSON, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1999) como sua base conceptual. Nos termos de Jesus (2003), correspondências entre a atividade - deslocamento em um trajeto - e a experiência - a atitude adotada diante da vida - mapeiam o



domínio metafórico. Num trajeto, história fonte, um indivíduo pode deslocar-se de forma normal ou acelerada. Na vida, história alvo, um indivíduo pode agir precipitadamente (correr) e não ser bem sucedido, tornando-se frustrado (cansar). De igual modo, uma instanciamento da Construção Concessiva de Polaridade Negativa (CARVALHO MIRANDA, 2008) do tipo negativa [*não P nem que Q*] - *E daqui não saio, nem que me empurrem* - deixa entrever um entrelaçamento de bases pré-conceptuais (esquemas imagéticos, como Centro-Periferia, Força, Escala) que se projetam metaforicamente, determinando os diversos padrões gramaticais definidores dessa construção. A base imagética da Força, por exemplo, articulada pelo Modelo da Dinâmica das Forças (TALMY, 1988; MULDER, 2007) permite delinear o panorama bélico da metáfora conceptual complexa 'Argumentar é Guerrear' que subjaz a tal construção ao caracterizar os interlocutores como entidades de força (uma agônica e outra antagônica) que se formam e se opõem no discurso.

A partir da dimensão teórica delineada, passamos, na próxima seção, à apresentação de uma construção gramatical - a Construção Superlativa Negativa de Itens de Polaridade Negativa (CNS) - de modo a ilustrar, de forma um pouco mais aprofundada, o papel da metáfora na configuração de uma rede construcional. Tal construção vem se constituindo como objeto de nossa investigação em projeto mais amplo (CNPq - edital Universal- 2008), sobre o qual fazemos um pequeno recorte neste artigo.

### 3. As construções superlativas negativas de IPNs (CSN)

Ancorados nos pressupostos da Linguística Cognitiva (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1999) que sustentam a centralidade da experiência na arquitetura de nossos sistemas conceptuais, estudiosos vêm destacando o caráter metafórico da semântica da **intensidade**, cujas bases se assentam na projeção de domínios primários, mais concretos da experiência. É assim que experiências mais concretas relativas a *espaço, dimensão, tamanho, força, quantidade* constituem-se como domínios-fontes do domínio-alvo de intensidade ou gradação escalar. É o que ilustram os exemplos a seguir:

4. *É um fato **profundamente** lamentável.* (espaço - verticalidade > intensidade)
5. *Um amor **imenso*** (dimensão > intensidade)
6. *Uma **porção** de amigos* (quantidade > intensidade).
7. *A **gigante** do mercado* (tamanho e força > intensidade)

A Construção Superlativa Negativa de Itens de Polaridade Negativa (CNS), como passamos a evidenciar, integra esse grupo de construções, como ilustram os exemplos de 8 a 13, que

integram os 943 *tokens* encontrados no Corpus do Português - <http://www.corpusdoportugues.org> (MIRANDA, 2008).

8. *19N:Br:Cur* se a investigação chegar aos grandes bancos, o governo federal **não mexerá uma palha** em defesa de quem quer que seja.
9. *19N:Br:Recf*, precisamos de 15 milhões e fomos informados de que **não virá nem um tostão**. Apenas a verba ridícula de R\$ 2 milhões será liberada...
10. *19:Fic:Br:Paiva:Brasil* Dutra, um comboio de caminhões do Exército, e Lamarca **não disse um pio**, calmo, sangue frio, com seu Colt 38 cano longo debaixo da camisa.
11. *18:Fic:Cunha:Sertões* desatava numa linha reta, seca, inexpressiva e intorcível, **não daria um passo** a favor ou contra no travamento dos estados.
12. *19:Fic:Br:Castilho:Maria* de mana Maria foi uma coisa que admirou toda a gente. **Não derramou uma lágrima**.
13. *19-Fic:Br:Comparato:Guerra*. Que raios de frades são esses que não podem suportar **uma gota** de humor!

Assim, o que temos em comum nessa construção são SNs que, em sua origem, expressam unidades mínimas dentro de distintas escalas de **dimensão** e que, no alvo, passam a exprimir **intensidade**, como ênfase de polaridade negativa.. Dentro do *frame* de ‘movimento do corpo’ (domínio-fonte), por exemplo, temos uma possível escala: membros que se movem (*braços, pernas, pés, mãos, dedos*) e, dentre eles, “*um dedo*” (exemplo 2) representa o extremo de uma escala descendente, ou seja, o movimento mínimo. Perspectivizado em outra direção, o *frame* de ‘movimento do corpo’ apresenta uma unidade mínima de deslocamento – “*um passo*” (exemplo 11). Do mesmo modo, nos *frames* de ‘choro’, de ‘moeda’, “*uma lágrima*” (exemplo 12) e “*um tostão*” (exemplo 9) são unidades situadas no extremo da escala descendente; abaixo é zero ou *nada*. O mesmo se repete em relação a “*um milímetro*”, “*uma linha*”, “*uma gota*” em *frames* de ‘medida’.

Dito de outro modo, temos membros iniciais de uma classe aberta, de itens lexicais plenos (*pingo, palha, gota, passo, centavo...*), constituída de formas relativamente pouco frequentes que expressam, majoritariamente, significado mais concreto, e que passam a compor uma classe mais fechada, mais gramatical, de formas que expressam significados mais abstratos (BRINTON & TRAUGOTT, 2005, p.1) – a classe das construções intensificadoras, em um novo *frame* de intensidade.

A hipótese é que a CNS tem, dentro da família de Construções Superlativas e de Construções Negativas, o estatuto de uma construção do Português, dado o seu valor simbólico específico de demarcar, no domínio da auto-expressão, negações enfáticas, hiperbólicas, através de uma rede metafórica de itens escalares

minimizadores. Tal tendência de mudança configura um processo de subjetificação do significado (TRAUGOTT, 2007), ou seja, um fortalecimento da expressão subjetiva do sujeito em detrimento do significado referencial externo, mais concreto, dos itens lexicais em foco.

Antes de prosseguirmos com nossa argumentação analítica, cabe aqui um rápido parêntese teórico para explicar o fenômeno da sensibilidade à polaridade posto pelo modelo pragmático de polaridade de Israel (2004) e usado, no presente trabalho, como parâmetro na identificação e nomeação da CNS (Construção Negativa Superlativa de Itens de Polaridade Negativa).

Em seus estudos sobre a polaridade, Israel (2004) começa por definir tal fenômeno como uma relação entre oposições semânticas e por afirmar o paradoxo da gramática da polaridade. Tal paradoxo se dimensiona a partir da observância de ausência de simetria entre afirmativas e negativas, isto é, da relativa autonomia de tais construções. Nessa direção, o autor pontua também a questão da assimetria na expressão da polaridade. Trata-se de um fenômeno de **sensibilidade à polaridade**, isto é, de uma tendência de certas formas linguísticas – os **itens de polaridade** – para expressarem a contradição, a oposição ou a reversão – tipos básicos de polaridade. Presente, de forma relevante nas línguas, tal fenômeno resiste a uma explicação meramente estrutural, dependendo crucialmente de uso retórico em contextos específicos. Em casos prototípicos, constituem-se dois grupos de pares mínimos, ou seja, de itens de polaridade distribuídos em contextos positivos ou negativos: o Item de Polaridade Negativa (IPN) que ocorre em construções negativas e (**normalmente**) não ocorre em construções positivas e o Item de Polaridade Positiva (IPP) em que temos uso inverso. Segundo Krifka (1991, 1994, 1995, apud ISRAEL, 2004, p.19), os IPNs tipicamente envolvem unidades mínimas, enquanto os IPPs envolvem unidades máximas. IPPs e IPNs atuam como **operadores escalares** e, como recursos modalizadores, servem tanto à imposição quanto à atenuação de força (MIRANDA, 2000, 2005, 2008).

É, pois, nos termos propostos por Israel que reconhecemos na CNS uma relação semântica de polaridade duplamente marcada. Primeiro, a polaridade negativa de **contradição**, formalmente marcada pelo “*não*” (uma das heranças - Construção Negativa); segundo, a polaridade **reversa** - que serve de reforço à negação - imposta por uma escala superlativa com caráter descendente (dimensão mínima) através dos IPNs (Itens de Polaridade Negativa minimizadores: *um passo, um dedo, uma unha, uma lágrima...*). Os IPNs atuam nessa construção como estratégias modalizadoras, impondo forças ao ato de fala. Daí o nome pouco “econômico” atribuído a tal construção: Construção Negativa Superlativa de Itens de Polaridade Negativa.

Marcada por tal processo de subjetificação, essa construção tem uma relevante força ilocucionária e, como tal, implica

um marcante jogo de forças no domínio discursivo. Nesse jogo, entidades discursivas, em seus distintos papéis, impõem suas perspectivas simbólicas, buscando maior relevo para o que têm a informar, a ordenar, a sugerir, a avaliar. É a base experiencial e metafórica desse papel modalizador da CNS que passamos a considerar na próxima subseção.

### 3.1 A dinâmica das forças no jogo metafórico discursivo da CSN

Nossa hipótese é de que as bases primárias do jogo discursivo enfático imposto pela CNS se assentam no Esquema Imagético de **Força**, configurado em termos do Modelo da Dinâmica das Forças (TALMY, 1988), e na metáfora primária que articula causa e força física - 'Causa É Força Física' (LAKOFF e JONHSON, 1987,1999).

Antes de passarmos às evidências de tal hipótese, cabe aqui um ligeiro parêntese de modo a explicar o Modelo da Dinâmica das Forças (TALMY, 1988; MULDER, 2007).

O Modelo da Dinâmica das Forças descreve a interação entre entidades em relação à força e, como um esquema imagético, tem seus conceitos fundadores advindos da experiência física primária ou de nossas experiências corpóreas concretas. Tal modelo de interação de forças proposto por Talmy (1988) tem a seguinte configuração: *duas entidades* de força - um Agonista, foco da atenção e do exercício da força, e um Antagonista, a entidade de força que se opõe ao Agonista. Tais entidades apresentam uma *tendência de força intrínseca* tanto para o repouso quanto para o movimento. Nessa interação, a *oscilação das forças* implicará uma entidade de força igual, mais fraca ou mais forte que a outra. É, pois, nesses termos que o Modelo em questão mapeia as transferências metafóricas que permitem a projeção de aspectos do campo físico de forças para o campo psicológico e interacional. O modelo de Talmy tem servido à explicação de distintos fenômenos linguísticos, dentre eles os efeitos polissêmicos e a ambiguidade pragmática da modalidade, da condicionalidade, da concessividade apresentados por Sweetser (1990).

No caso das CNS, um tipo de construção marcada pela força expressiva do sujeito, o Modelo da Dinâmica das Forças empresta moldura às ações modalizadoras de linguagem, ao jogo interacional implícito. Tomemos o exemplo abaixo:

14. *19N:Br:SP um autor que a ditadura militar estava perseguindo, a esquerda não moveu uma palha para ajudá-lo.*

No exemplo 14, "a esquerda" - Agonista - tem tendência ao repouso e nesse estado permanece, uma vez que, na interação de forças, é a entidade mais forte. O Antagonista (enunciador) revela sua posição contrária à tendência intrínseca do Agonista, mas não consegue inverter a tendência do Agonista, uma vez que sua voz se revela apenas através da prática um ato de fala avaliativo.

Portanto, o resultado desse encontro de forças é a manutenção da força intrínseca “agônica”. O que o locutor ganha com isto? Ao mostrar a força do Agonista, busca o fortalecimento de sua posição argumentativa; a despeito da força/causa exercida pela outra entidade, ele exerce seu ato crítico avaliativo.

Outras tendências de interação de força se desvelam no exemplo 15:

15. *19:Fic:Pt:Torga:Vindima que estar aqui Lopes' Lopes saltou na cadeira. -Nem mais um pio, seu garoto! A asneira que eu faço é andar para aqui a ser...*

Nesse caso a força exercida pelo Antagonista está no sentido de bloquear a ação. O Agonista apresenta tendência ao movimento, ao passo que a força contrária exercida pelo Antagonista busca impedir o movimento através de um ato diretivo: *Nem mais um pio, seu garoto!* Não há, entretanto, como saber o resultado da interação das forças (pelo menos, nos limites do fragmento de texto apresentado), isto é, o efeito perlocucionário: se a força exercida pelo Antagonista, levará o Agonista ao movimento (resposta positiva ao ato diretivo) ou se esse permanecerá em sua tendência intrínseca para a inércia.

Para demarcar as entidades em suas dinâmicas de força, Talmy propõe diagramas<sup>4</sup> como o que passamos a apresentar (CARVALHO-MIRANDA, 2008) para a construção 15 acima descrita:

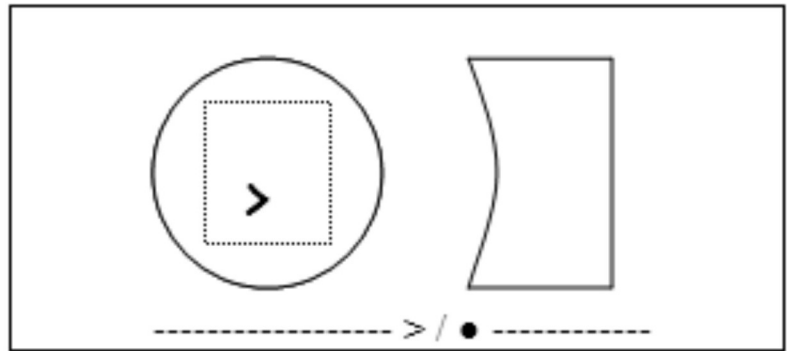


Diagrama 1

Focalizando a indefinição do efeito perlocucionário, o resultado da interação das forças mostra a linha tracejada tanto com a seta (>), que indica tendência ao movimento (no caso de o Agonista, mais forte, manter sua tendência), quanto com o ponto (●), (no caso de o Antagonista, mais forte, impor repouso ao Agonista). Não há símbolo de mais (+) em nenhuma das duas figuras, já que não há como se saber qual das entidades imporá sua força.

Tal dinâmica de forças metaforicamente projetada no plano discursivo se apresenta, a nosso ver, como um forte argumento em favor da diluição de qualquer possível dicotomia entre in-

<sup>4</sup> Conceitos básicos usados no diagrama:  
 círculo = agonista  
 Figura côncava = antagonista  
 + = entidade mais forte  
 - = entidade mais fraca  
 > = tendência intrínseca para o movimento  
 Ponto preto = repouso  
 ----->----- = o resultado da interação de forças é o movimento  
 Traço e ponto preto = o resultado da interação de forças é o repouso.

ternalidade, vista como conceptualização semântica, e externalidade, tomada como função pragmática. Trata-se de bases pré-conceptuais (esquemas imagéticos) e metafóricas que, flexíveis à dinâmica do uso, sustentam muitas de nossas ações de linguagem e delinham múltiplos padrões da gramática ao discurso.

### 3.2 Herança e metáfora na CNS

Nos termos dos modelos de uso da GrC, as construções que instituem a gramática de uma língua não compõem uma lista aleatória. Pelo contrário, são redes de padrões vinculados por elos de heranças múltiplas (cf. seção 2). Assim, demarcado o caráter específico da CNS, passamos a formular a rede de heranças múltiplas que a envolve, seguindo o modelo de herança *by default* proposto por Goldberg (cf. seção 2).

As CNSs, em nível mais esquemático, vinculam-se às Construções Negativas e às Construções Intensificadoras Superlativas do Português. Em nível mais substantivo, tomando uma construção instanciada do *type* “*uma palha*” (exemplo 16), podemos propor o seguinte diagrama de herança:

16. 19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais vou deixar nenhuma obra. Nunca fiz nada para ninguém. **Nunca movi uma palha**, a não ser pelos caprichos da minha tia.

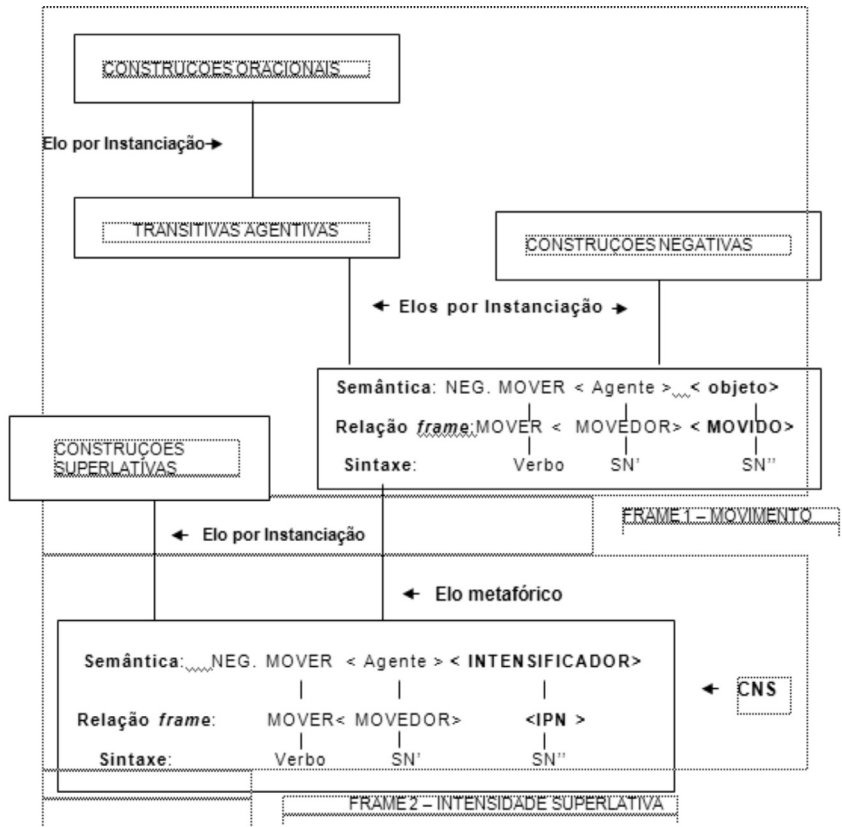


Diagrama 2 – Rede de heranças

O diagrama 2, sem esgotar a questão, mostra a combinação de diferentes construções motivadoras de uma instância concreta, um *token* da CNS. Assim, em uma hierarquia taxonômica, mediante elos por instanciação (quando a construção herdeira é um caso da construção-mãe), a construção básica, não-metáforica, do *frame* de movimento é, por um lado, herdeira de Construções Oracionais, Construções Transitivas Agentivas e, por outro, de Construções Negativas. A CNS, por sua vez, é uma **herança por elo metafórico** (quando a construção herdeira é uma extensão metafórica da construção-mãe). A herança metafórica, como já analisado, implica a reanálise do SN objeto (*uma palha*) como um operador de escala em valor superlativo. Como IPN, o SN minimizador, ainda que sintaticamente regular, não cria um objeto de discurso, remetendo apenas à negação enfática de uma ação.

Vale pontuar a frequência do *frame* de ‘movimento’, presente na herança descrita, como o mais evocado pelas escalas descendentes da CNS, como ilustram os exemplos abaixo:

17. 19:Fic:Br:Verissimo:Tempo *Quis de novo segurar a Winchester: era melhor morrer brigando. **Mas não pôde mover um dedo.** Um homem estava agora ajoelhado a seu lado, decerto tirava o facão da bainha*
18. 19:Fic:Pt:Amorim:Masacara *Tinha os maiores cuidados com Umbelina, apapricava-a, **não a deixava mexer sequer uma palha,** mas*
19. 19N:Pt:Jornal *partido do Governo nem contrapoder? Estará ele convencido - ele que **não deu um passo** para a instauração da democracia entre nós*
20. 18 - Machado:Memórias *meditara muito o passo que ia dar, e **não podia recuar uma linha....** Machado de Assis*
21. 1993 - Fic:Br:Lemos:Espaço. *Ora, deixo-te com ela séculos e **não avanças um milímetro...** Gilvan Lemos*

Tal frequência de *types* em um domínio básico de nossa experiência física, corporal nos convida a uma reflexão sobre suas bases conceptuais motivadoras. Uma metáfora primária - ‘Ações São Movimentos Auto-Propulsores’ (LAKOFF & JOHNSON, 1999) - se institui na base da experiência subjetiva de “ação”, tendo a experiência sensório-motora de movimento do corpo no espaço como fonte (Esquema Imagético de Trajeto). São essas as bases primárias sobre que os *types* do *frame* de movimento se estruturam. Assim, se ‘Ações são Movimentos’, a ausência, a negação de movimento equivale a ausência, negação de ação, como comprovam os exemplos de 17 a 21.

#### 4. Considerações finais

Um ponto orientou nosso percurso argumentativo de viés construcionista - a diluição da dicotomia externalidade e internalidade que, com frequência, ocupa a cena em nossas discussões sobre cognição e linguagem e sobre temas decorrentes, como gramática e metáfora, por exemplo. Partindo de uma metateoria em que o conhecimento linguístico do falante é visto como uma rede de símbolos erguidos na cultura, em que o **uso é figura** (e não fundo) na arquitetura cognitiva da linguagem e da gramática, dissolve-se o equívoco da internalidade estática da dimensão cognitiva e da externalidade pura das funções linguísticas. Impõe-se um contínuo essencial entre Semântica e Pragmática, em uma visão holística de integração forma-função.

Tal diluição é resposta alinhada com uma equação mais alta - entre natureza e cultura. A universalidade de nossa biologia, e nossa capacidade simbólica se integram com a diversidade de nossas culturas, gerando redes de símbolos distintos como as gramáticas de cada língua.

Nesse enquadre, não há como ignorar a força das estruturas pré-conceptuais e conceptuais, como a metáfora, na constituição das redes de padrões construcionais da gramática. A menos que se decida por higienizar a tarefa analítica da Linguística a ponto de *se jogar fora a criança com a água da bacia*.

#### Abstract

*The central aim of the present study is to stress and explore the role of metaphor in the constitution of grammatical constructions. The theoretical discussion here developed has as its basis the constructionist paradigm (use-based models of Construction Grammar - GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT & CRUSE, 2004; LANGACKER, 1999, 2007; SALOMÃO, 2006, 2007) and seeks endorsement in a case study on the superlative negative constructions of NPIs in Portuguese language.*

**Keywords:** *Construction Grammar. Metaphor. Constructions of Portuguese. Semantics of the intensity.*



## Referências

- ALBERGARIA, G.. *Projeção figurativa e expansão categorial no PB: o caso de um frame 'animal'*. 2008, 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2008.
- BARCELONA, A. *Metaphor and Metonymy at the crossroads – a Cognitive Perspective*. Berlin- New York: Mouton de Gruyter, 2003.
- BOTELHO, L. *Construções agentivas em x-eiro, uma rede metafórica*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004.
- BRINTON, L.J. & TRAUGOTT, E.C. *Lexicalization and language change*. NY: Cambridge University Press, 2005.
- BRONZATO, L. H. *A abordagem sociocognitivista da construção de destransitivização: o enquadre da interdição*. 2000. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística) – Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2000.
- BYBEE, J.; HOPPER, P. (eds.). *Frequency and emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- CARMO. C. B. da S. *A configuração da rede de construções dos agentivos denominais x-ista: uma abordagem sociocognitivista*. 2005. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística) – Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2005.
- CARVALHO MIRANDA, L. *As construções concessivas de polaridade negativa no Português do Brasil*, 2008, 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística) –Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2008.
- CROFT, W. e CRUSE, A.D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CROFT, W. Construction Grammar. Em D. Geeraerts / H. Cuyekens (Eds. 2007). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford / New York, Oxford University Press, p. 463-508.
- FAUCONNIER, G. *Mental spaces*.Cambrigde: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, G. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, G. e TURNER, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.
- FERREIRA, M. da S. *Buscar menino no colégio, pular carnaval na Bahia, e, ainda por cima, jogar lenha na fogueira: retomada de um diálogo sobre a questão da geratividade na linguagem*. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística) – Instituto de Ciências

- humanas e Letras (ICHL), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2005.
- FILLMORE, C. *Innocence: a second idealization for linguistics*. University of California at Berkeley, 1976 (mimeo).
- FILLMORE, C. Frame semantics. *Linguistics in the Morning calm*. In: *Linguistic Society of Korea* (ed.). Seoul: Hánshin, 1982.
- FILLMORE, C. *On Grammatical Constructions*. Berkeley: University of California, 1988.
- FILLMORE, C; KAY, P.; O'CONNOR, K. Regularity and idiomatcity in grammatical constructions: the case of let one. In *Language*, 64:501-538, 1988.
- FILLMORE, C. *Beyond The Core (BTC) Project*. 2007 (inédito)
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- ISRAEL, M. The pragmatics of polarity. In Horn & Wards (eds) *The Handbook of Pragmatics*. Blackweel, 2004, p. 701-723.
- JACKENDOFF, R. *Foundations of Language: Brain, Meaning, Grammar, Evolution*. New York: Oxford University Press, 2002.
- JESUS, I.T. *As construções condicionais proverbiais: uma abordagem sociocognitiva*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2003.
- JOHNSON, M. *The body in the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987
- KAY, P. *Words and Grammar of context*. Stanford: CSLI Publications, 1997.
- KÖVECSESES, Zoltán. *Language, mind and culture: a practical introduction*. NY: Oxford University Press, 2006.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things - what categories reveal about the mind*. Chicago: The University Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. e JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. Chicago: The University Chicago Press, 1999.
- LANGACKER, R. W. *Grammar and Conceptualization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999.
- LANGACKER, R.W. - Cognitive Grammar. Em D. Geeraerts / H. Cuyekens (Eds. 2007). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford / New York, Oxford University Press, p. 421-461.
- MIRANDA, N.S. *A configuração das arenas comunicativas no discurso institucional: professores versus professores*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. (Tese de Doutorado).
- MIRANDA, N. S. *A gramática das construções na constituição do léxico*. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em

- Letras – Mestrado em Lingüística; GP “Gramática e Cognição”, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2003.
- MIRANDA, N. S. Modalidade: o gerenciamento da Interação. In: Miranda, N.S. & Name, M.C.L. (org.) *Lingüística e Cognição*. Juiz de Fora: Ed.UFJF, 2005.
- MIRANDA, N. S. *Construções Superlativas no Português do Brasil – uma abordagem sociocognitiva*. CNPq-Edital Universal, GP “Gramática e Cognição”, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2008.
- MULDER, W. Force dynamics. In: GEERAERTS, D. & CUYCKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*, 2007, p.298-317
- NEVES, M.H.M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- SALOMÃO, M. M. M. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. In: *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 63-74, 2002.
- SALOMÃO, M. M. M. *Construções no português do Brasil: integração conceptual na sintaxe e no léxico*. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 2003.
- SALOMÃO, M. M. M. *Estruturas argumentais no português do Brasil: uma explicação sociocognitiva das relações gramaticais*. Projeto Integrado de Pesquisa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.
- SALOMÃO, M. M. M. O problema da especificação da estrutura argumental: voltas sobre o tema léxico ou sintaxe. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (orgs.). *Lingüística e cognição*. Juiz de Fora: EDUFJF, 2005, p. 117-136.
- SALOMÃO, M. M. M. *Teorias da linguagem*. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M.M.M. *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. BH: Editora UFMG, 2007.
- SALOMÃO, M. M. M. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M.M.M. *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- SAMPAIO, T.F. *O uso metafórico do léxico da morte – uma abordagem sociocognitiva*, 2007, 167 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2007.
- SANTOS, A. M. T. *Uma abordagem sociocognitiva da rede de construções agentivas deverbais x-nte*, 2005. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística) – Faculdade de Letras (FALE), Universidade Federal de Juiz de Fora, (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2005

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of language structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, L. Force dynamics in language and cognition. In: *Cognitive Science*, v. 2, p. 49-100, 1988.

TOMASELLO, M. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage-bases theory of language acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E.C. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. In *Cognitive Linguistics* 18-4, 2007, p. 523-557.